

TA NI N'SORQ? O OLHAR PARA A TEMÁTICA QUILOMBOLA NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

TA NI N'SORQ? The look at the quilombola theme in communication research

TA NI N'SORQ? La mirada sobre el tema quilombola en la investigación en comunicación

Giovana Borges Mesquita

Professora adjunta do curso de Comunicação do CAA-UFPE e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail: giovanamesquita@yahoo.com.br

Danilo Borges

Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, bolsista da FACEPE

E-mail: dbasadani@gmail.com

Resumo

Este artigo tem a intenção de entender como os agentes de conhecimento do campo da Comunicação levam em conta a questão quilombola em seus estudos. Como recurso metodológico utilizamos a pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura, além da pesquisa documental das produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para analisar os estudos sobre populações quilombolas, com um enquadramento específico no campo dos estudos de Comunicação. No período pesquisado, entre os anos de 2000 a 2018, encontramos 30 trabalhos sobre a temática, sendo 23 dissertações e sete teses de doutorado.

Palavras-chave: Comunicação; Quilombolas; Brasil.

Abstract

This article intends to understand how knowledge agents in the field of Communication take the quilombola issue into account in their studies. As a methodological resource, we use bibliographic research, with literature review, in addition to documentary research of the productions available in the Catalog of Theses and Dissertations of the Coordination of Higher Level Staff Improvement (Capes) to analyze the studies on quilombola populations, with a specific framing in the field of Communication studies. In the period surveyed, between the years 2000 to 2018, we found 30 papers on the theme, 23 of which were dissertations and seven were doctoral theses.

Keywords: Communication; Quilombolas; Brazil.

Resumen

Este artículo pretende comprender cómo los agentes del conocimiento en el campo de la Comunicación tienen en cuenta la cuestión quilombola en sus estudios. Como recurso metodológico, utilizamos la investigación bibliográfica, con revisión de la literatura, además de la investigación documental de las producciones disponibles en el Catálogo de Tesis y Disertaciones de la Coordinación para la Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior (Capes) para analizar los estudios sobre poblaciones quilombolas, con un marco específicos en el campo de los estudios de Comunicación. En el período relevado, entre los años 2000 a 2018, encontramos 30 trabajos sobre el tema, de los cuales 23 fueron disertaciones y siete fueron tesis doctorales.

Palabras clave: Comunicación, Quilombolas, Brasil.

Introdução

Falar sobre populações quilombolas é persistir em caminhos possíveis para a construção de novas narrativas. Sempre passando por mudanças ao longo dos anos, falar sobre este grupo exige que se deixem claros vários marcos temporais e que estejamos atentos para as definições, pois ao longo de um percurso temporal vários processos teórico-político-culturais conceituaram e definiram o que vem a ser populações quilombolas. É importante observar que o próprio conceito de quilombos foi e é construído politicamente-socialmente-cientificamente. Também há um discurso institucional proveniente do Estado que classifica as populações quilombolas¹ (ARAÚJO, 2017).

De tal modo, os olhares são intercruzados pelos saberes epistêmicos dos campos da Antropologia, História, Sociologia e também dos movimentos sociais da população negra. E a pesquisa em Comunicação, qual sua contribuição para com os povos quilombolas? As instituições sociais, como a mídia, têm papéis importantes na definição, categorização dos povos, nas construções e na divulgação dos saberes da população quilombola. Acreditamos que a mídia tem um papel crucial na construção social da realidade. Ainda assim, acreditamos que os espaços de comunicação, sejam nos fóruns organizados dos movimentos sociais quilombolas, nas convenções ordinárias, ou através da imprensa, nas rotinas produtivas (nas construções de pautas, silenciamentos, agendamentos, nas repercussões), têm contribuído para a conformação das identidades dos sujeitos como populações quilombolas.

Sendo assim, o objetivo do artigo é olhar para a Comunicação e entender como os agentes de conhecimento deste campo pautam a questão

¹ Atento para a seguinte questão: o uso da expressão “populações quilombolas” abarca os diferentes termos: quilombos, remanescente de quilombos, comunidades quilombolas, por entender que estas categorias abarcam o mesmo grupo identitário. Assim, pretendemos provocar uma leitura não simplista e nem reducionista, mas entendendo como uma construção discursiva para com esses povos.

quilombola nas construções de seus saberes. Como recurso metodológico, utilizamos a pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura, além da pesquisa documental das produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para analisar as produções sobre “populações quilombolas”, com um recorte específico no campo dos estudos de Comunicação, entre o período de 2010 a 2018. Foram 30 produções, sendo 23 dissertações e sete teses.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: uma discussão sobre o marco teórico do surgimento das populações quilombolas no Brasil, a partir dos conceitos de Arruti (2008), Gomes (2015), Dutra (2011), Araújo (2017) e Nascimento (1991). No segundo momento, utilizaremos para a análise as pesquisas em Comunicação que tenham como categoria analítica as populações quilombolas. Por fim, apresentaremos os resultados das análises.

1. O surgimento das populações quilombolas no Brasil

As populações quilombolas, dentro de cada particularidade e complexidade, formaram as suas histórias. Fazem parte de diferentes modos de organização em ocupações agrárias e urbanas², em caatingas e florestas; nas mais variadas formas de existências e resistências; criando e (re)estruturando os territórios; penetrando em cidades, garimpos, vilas, engenhos e fazendas; no combate ou na formação de alianças; construindo economias próprias; e no desenvolvimento da cultura material e imaterial; baseadas no manejo e uso das terras em laços de consanguinidade e familiaridade (GOMES, 2015). A concepção etimológica da palavra “quilombos” reveste-se de uma pluralidade e direciona para alguns

² A localização espacial dos quilombos foi emoldurando-se a partir de diferentes formas de resistências. Os quilombos chamados rurais caracterizavam-se por ser territórios assentados em locais distantes do núcleo central da cidade e que tinham como característica um “rompimento” com o modelo social da cidade e, ao mesmo tempo, uma (re)criação de outro modelo de sociedade. Já os quilombos urbanos eram localizados próximos das cidades e sua forma de resistência se dava por meio da sobrevivência dos mercados e portos das cidades nas quais estavam inseridos.

estudos. Diferentes autores apresentam um diálogo de proximidade histórica dos sentidos e experiências que estão sistematizados em saberes entre o Brasil e a África.

Os estudos de Arruti (2008), Eltis (2013), Funari (1996), Gomes (1996, 2011, 2015), Guimarães (1996), Lara (1996), Price (1996), Moura (1987), Reis (1996) e Vainfas (1996) descrevem a questão quilombola no período colonial. Já os escritos de Almeida (2002), Amorin e Germani (2005), Jorge (2016) e Dutra (2011), além da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e de regulamentações da Fundação Cultural Palmares e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) apontam para entendimento dos quilombos na conjuntura atual. Mediante as aproximações e rupturas, traçaremos brevemente o conceito de quilombos na contemporaneidade, partindo de uma não preocupação em construir um quadro sócio-histórico sobre esta categoria, mas buscando pontuar elementos que contribuam para análise da questão quilombola na contemporaneidade, nos últimos cinco decênios do século 20.

Arruti (2008) afirma que o termo quilombos passou por diferentes significados, sendo possível atribuir três tipos de ressemantizações: cultural; política e negra. Do ponto de vista cultural, o quilombo foi interpretado como uma produção da cultura negra em território brasileiro, tendo apogeu durante os primeiros decênios do século XX, oscilando assim entre a interpretação histórica e a antropológica, “a recriação dos estados africanos”; a “persistência da cultura africana”. Sob a perspectiva política, o significado de quilombos é pensado a partir da relação (potencial) entre a ordem dominante e as classes populares. Aqui a referência à África é substituída pelo Estado ou pelas estruturas de dominação, resultando num caminho para pensar os quilombos, que segue as formas potencialmente revolucionárias e populares. A terceira leitura foi pensar o quilombo como ícone da resistência negra. Esse recorte é uma junção das perspectivas cultural ou racial com a política, e considera o quilombo como representativo da não passividade ao sistema escravista. Essa visão se tornou sistemática nos finais dos anos de 1990, com a redescoberta de Palmares (ARRUTI, 2008).

Desse modo, diferentes fatores são considerados para a consolidação da ideia de populações quilombolas na atual conjuntura.

Além disso, o uso desses conceitos, por estudiosos da década de 1990, contribuíram para essa classificação.

Em vista disso, a homogeneidade desse conceito não se estabeleceu por longos tempos. Diversas compreensões acerca dos quilombos ganharam destaque no Brasil. Devemos nos atentar que “vários tipos de quilombos eram transformados e ao mesmo tempo transformavam as paisagens onde se estabeleciam” (GOMES, 2015, p.74). É nesse contexto que surge na Constituição Federal, o Artigo 68 das Disposições Transitórias, um dos mais importantes que assegura o direito à terra (ARAÚJO, 2017).

Nos diferentes marcos teóricos na atualidade há uma (re)construção de uma identidade étnico-racial das populações quilombolas. Essa proposta foi defendida por Abdias do Nascimento em sua tese *Quilombismo*. Nascimento (1991) estruturou um modelo de articulação político-ideológico da sociedade brasileira tendo como base experimental as experiências históricas dos povos africanos em territórios americanos, dando ênfase ao Brasil. Sua proposta é entendida como um diálogo das lutas contemporâneas que surgem na sociedade brasileira, sem perder o referencial da luta histórica. Para ele, o quilombismo é:

um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no País (NASCIMENTO, 1991, p. 227).

Embora se tenha um avanço com a estruturação e instrumentalização teórico-político, não há um avanço na consolidação, isso porque o quadro era uma quimera em alusão ao sistema vigente (CARDOSO, 2008). Outras propostas semelhantes para refletir esse processo, pensando na interface entre identidade étnico-cultural, foram apresentadas por Lélia Gonzalez na categorização de Amefricanidade usada para definir experiências partilhadas pelos negros nas Américas. Também a crescente discussão de outras categorias, como afro-latino-americanos de Laura Cecilia López, que utiliza recortes semelhantes para definir grupos que partilham de uma ancestralidade negra africana.

Em resultado, as convergências e divergências das categorizações, discussões e debates dos movimentos do povo negro, em consonância com os primeiros estudos antropológicos sobre os grupos intitulados de “comunidades negras rurais”, durante a década de 80, contribuíram para a formação de uma categoria que aglutinasse o conjunto de experiências. Assim, nos anos 70-80 a categoria proposta para pensar era de “comunidades negras incrustadas”. Em decorrência, esse processo de visualizar os grupamentos com o traçado de reminiscência histórica foi sendo construído, resultando na redação do artigo 68³ da Constituição Federal (ARRUTI, 2006).

É nesse jogo de pertencimento e de discurso, que é estabelecida a identidade quilombola (ARAÚJO, 2017). O processo de resignificação foi bastante confuso, tentando dialogar com o “quilombo contemporâneo”. De tal forma, os processos, as noções de territorialidade vão sendo inseridas nos debates referentes a esses povos, dando centralidade ao discurso “terras de uso comum”. Esse termo “uso comum” resultou em novas questões, permitindo uma leitura para os quilombos contemporâneos que os associa a terras de santos, heranças de preto, terras de índio (ARRUTI, 2006).

Na atualidade, isto assume um papel de pensar também a identidade quilombola, cada vez mais ligada à territorialidade étnica. Vale pontuar que não significa que estes territórios são apenas espaços compostos por negros, há uma alteridade inscrita nas relações de cor/raça que é um elemento significativo para tratar os laços comunitários. Além disso, as trajetórias dos grupos e as historicidades destes se revelam mediante os processos coletivos e individuais.

Assim, como marco temporal é importante destacar a promulgação do art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, como um momento no qual as populações quilombolas passaram a fazer parte da agenda do debate sobre o território. Atualmente,

³ Art. 68 da CF: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

o termo, quilombo passa a expressar um período de significativas mudanças político-estruturais e é a partir delas que persiste um recorte do grupo. É mediante este olhar que os indivíduos que integram os grupos minoritários⁴ em acesso aos direitos podem, através da conscientização, despertar para a busca da sua cidadania e do exercício dos direitos estabelecidos pelo estado (ARAÚJO, 2017).

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão da literatura de caráter analítico que teve como objetivo buscar pesquisas no campo da Comunicação sobre a temática quilombola. Para Boni e Quaresma (2005, p.71), “a pesquisa bibliográfica é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes”.

Além da pesquisa bibliográfica foi feita uma coleta de dados, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de

⁴ A sociedade é formada por diferentes grupos sociais. Esses grupos possuem similaridades e também diferenças, entre elas, destacam-se o contingente populacional. Usamos o termo “grupos minoritários” invés de “minorias” por acreditar que essas populações estão em desigualdades, em relação a outros grupos, quando interpretamos sob a lupa dos direitos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. O termo não utilizado “minorias”, nos leva a pensar que estes grupos possuem um contingente numérico menor do que os outros grupos inseridos no corpo social.

Pessoal de Nível Superior (Capes)⁵. As pesquisas encontradas foram desenvolvidas, entre os anos de 2000 e 2018. Vale pontuar que a nossa busca foi realizada em todo o período disponibilizado pelo banco de dados até as produções do ano de 2018.

Atentamo-nos aos recursos que nos condicionavam para o nosso fazer pesquisa e dessa maneira, utilizamos para a busca das produções científicas, o filtro com o uso das palavras-chave: Quilombo; Quilombos; Quilombola; Quilombolas. Também com o refinamento através da opção ‘Área de Conhecimento’, na qual acionamos o filtro de “Ciência da Informação”; “Comunicação”; “Comunicação”⁶. Embora seja disponibilizado no site recursos para filtrar pesquisas, como: Ano e Grande Área de Conhecimento, não utilizamos esse recurso, pois com estas filtragens algumas publicações não surgiam, mesmo sendo de importância da área estudada. De tal modo, no primeiro momento da busca por estas produções científicas, com o uso das palavras-chave e com o recurso do refinamento ‘Área Conhecimento’ encontramos diferentes resultados:

AUTOR (A)	IES DE ENSINO	GRAU	ESPAÇO TERRITORIAL	TEORIA PRINCIPAL	MÉTODO PRINCIPAL	MÍDIA	ANO/UF	PROGRAMA
Adriana Marcelo	UMESP	M	Canandoca	Identidade cultural	Pesquisa bibliográfica; documental e pesquisa de campo participativa.	Sem especificidade	2014/BA	Comunicação Social
Cécilia Negrão	PUC-SP	M	Terreiro Ilé Obá	Estudos culturais e teorias pós-coloniais	Pesquisa de campo	Mídia no geral	2018/SP	Comunicação e Semiótica
Cleyciene Pereira	UFPA	M	Itamatatua	Teoria durandiana	Metodologia qualitativa de abordagem etnográfica	Sem especificidade	2011/PB	Ciência da Informação
Cleyciene Pereira	UFBA	D	Itamatatua	Análise do Conteúdo	Etnografia	Práticas comunicativas	2018/BA	Ciência da Informação
Cristóvão Almeida	UFRGS	D	Campina de Pedra	Cidadania	Etnografia	Mídia no Geral	2012/RS	Comunicação e Informação
Daniela Otta	UMESP	M	Furnas de Boa da Sorte	Identidade Cultural	História Oral	Rádio	2000/SP	Comunicação Social
Debora Alcântara	UFBA	M	SEM ESPECIFICAÇÃO	Teoria do Reconhecimento	Praxeológico	Mídia no geral	2014/BA	Comunicação e Culturas Contemporâneas
Edison Santos	USP	M	Cambury	Infoeducação	Pesquisa colaborativa e oficinas de memórias	Sem especificidade	2013/SP	Ciência da Informação
Eliane Almeida	UMESP	M	Ivaporunda	Folkcomunicação	Pesquisa de Campo	Tevê	2005/SP	Comunicação Social
Eutropio Bezerra	UFPA	M	Comunidades: Gramame e Engenho Velho	História Oral	Pesquisa de Campo	Sem especificidade	2014/PB	Ciência da Informação
Felipe Cunha	UFRN	M	Capociras	Identidade	Pesquisa de Campo e pesquisa documental	Suporte /dança	2018/RN	Estudos da Mídia
Fernando Conceição	USP	D	Mesquita	Estudo de recepção	Trabalho de Campo	Tevê; suporte: Calendário	2001/SP	Ciências da Comunicação
Helena Azevedo	UFPE	M	Nego do Timbó	Informação, culturas e políticas públicas.	Estudo de Caso	Sem especificidade	2011/PE	Ciência da Informação.
Helena Helena Castro	UNIP	M	Remanso	Memória e identidade	Pesquisa de campo participativa	Práticas Comunicativas	2012/SP	Comunicação
Janine Bargas	UFMG	D	Quilombos do Pará	Teoria do Reconhecimento	Etnografia virtual	Práticas Comunicativas	2018/MG	Comunicação Social
José Silva	USP	M	Pedro Cubas	Semiótica	Etnografia	Video	2009/SP	Ciências de Comunicação
Juliana Nunes	UNB	M	Rio dos Macacos	Estudos Culturais e Diásporas negras	Pesquisa de Campo e Análise de Conteúdo	Práticas Comunicativas	2013/DF	Comunicação
Leticia Rocha	UFMS	M	Santa Tereza	Comunicação Oral	Etnografia	Práticas Comunicativas	2018/MS	Comunicação
Luis Paravati	UMESP	M	Fazenda Picinguaba de Ubatuba	Comunicação Oral	Folkcomunicação	Práticas Comunicativas	2014/SP	Comunicação Social
Mayco Chaves	UFF	M	Estudantes quilombolas e indígenas UFOPA	Multi-interculturalidade	Etnografia/Análise do Discurso	Práticas Comunicativas	2018/RJ	Ciência da Informação

⁵ A utilização deste recurso - o uso deste site - derivou da importância de representar o repositório das produções científicas das instituições brasileiras de ensino superior.

⁶ Em algumas pesquisas, o site apresentava, na Área de Conhecimento, duas opções de “Comunicação”. Acionamos os dois recursos.

						ivas		
Nemezio Filho	UFRJ	D	SEM ESPECIFICAÇÃO	Midiatização	Análise Crítica	Jornais e revistas	2006/ RJ	Comunicação
Quitéria Lima	UNIP	M	Ivaporanduva	Estudos Culturais	Pesquisa de Campo	Mídia no geral	2005/ SP	Comunicação
Raron Moura	USCS	M	Não tem	Cultura popular; hibridismo	Semiótica	Fotografia; Canção	2015/ SP	Comunicação
Renata Kawaguchi	UMESP	M	Mandira	Estudos Culturais; Estudos Latino Americano.	Pesquisa Bibliográfica; documental e etnográfica.	Práticas Comunicat ivas	2017/ SP	Comunicação Social
Rosa Jesus	UNB	M					2018/ DF	Comunicação
Sandra Santos	USP	D	Comunidades do Vale da Ribeira	Estudos de Recepção	Trabalho de Campo	Tevê	2006/ SP	Comunicação
Silmara Sgoti	UMESP	M	Carrapatos do Tabatinga	Comunicação Comunitária	Etnográfica	Processos Comunicat ivos	2016/ SP	Comunicação Social
Wesley Grijó	UFRGS	D	Família Silva	Estudos de Recepção	História Oral	Tevê	2014/ RS	Comunicação e Informação
Wesley Grijó	UFG	M	Itamatitua	Estudos de Recepção	Trabalho de Campo	Tevê	2010/ GO	Comunicação, Cultura e Cidadania.
Vanessa de Oliveira	UFSM	M	SEM ESPECIFICAÇÃO	Estudos de Recepção	Pesquisa de Campo	Tevê	2008/ RS	Comunicação

Fonte: Tabela elaborada pelos autores

Realizamos o mesmo método para todas as palavras. De tal modo, pesquisávamos no repositório, sem adição de filtros, em seguida colocávamos os filtros, e posteriormente, obtínhamos o resultado. Dessa maneira, foi possível o seguinte recorte:

Tabela 2 -Produções científicas referentes a populações quilombolas

	Quilombola	Quilombolas	Quilombo	Quilombos	Total
Sem Filtragem	1442	1487	1185	742	4.856
Com filtragem:	16	15	16	8	55
“Área de conhecimento”					

Fonte: Tabela elaborada pelos autores

Pesquisando com a palavra ‘quilombola’ sem utilização de filtros, tivemos um resultado de 1.442 produções. Com a filtragem, direcionando para as pesquisas no campo da Comunicação, obtivemos um recorte de 16 trabalhos. Seguimos com o uso da palavra-chave ‘quilombolas’ e tivemos

1.487 resultados. Destes, 15 trabalhos foram realizados na área. A busca pela palavra ‘quilombo’ nos direcionou para 1.185 trabalhos. Assim, apenas 16 trabalhos estão relacionados com a área de Comunicação. Já a palavra “quilombos” apresentou 742 trabalhos. Com o uso do recorte derivou em oito trabalhos.

Realizamos um agrupamento destes trabalhos e percebemos que muitas dessas pesquisas, na área da Comunicação, se repetiam, quando procurávamos com as palavras-chave, pois possuíam o mesmo radical “quilomb”, direcionando para resultados semelhantes. Isso não significa que nas outras áreas de conhecimento, esta característica se repetia. Metodologicamente não nos interessava fazer um comparativo, como fizemos (para que houvesse a exclusão de trabalhos) em outras áreas.

Com o uso destes recortes, chegamos ao resultado de 30 produções. Buscamos, no Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES, mas só foi possível encontrar 14 trabalhos. Alguns deles não estavam disponíveis na plataforma. Dos trabalhos apontados, encontramos oito nos repositórios das instituições de Ensino Superior das quais os pesquisadores estavam vinculados: Cleyciane Moreira (UFPB); Cristóvão Almeida (URFGS); Edilson Santos (USP); Eliane Almeida (UEMESP); Heloísa Castro (Unip); Helena Azevedo (UFPE); Renata Kawaguchi (UEMESP); Vanessa de Oliveira (UFSM).

Seguindo o caminho analítico, encontramos três dissertações na Biblioteca Nacional Digital de Teses e Dissertações, a de Cecília Negrão (PUC/SP), José Silva (USP) e Wesley Grijó (UFG). A tese de Nemezio Filho (UFRJ) foi encontrada no site <http://www.livrosgratis.com.br/> e a tese de Sandra Santos (USP) foi encontrada no site <http://www.dominiopublico.gov.br>. Não encontramos, nos repositórios dos programas e nem nas plataformas de pesquisas, os trabalhos de Cleyciane Moreira (UFBA); Daniela Otta (UEMESP); Fernando Conceição (USP). Assim, mandamos e-mail para os autores solicitando o acesso às publicações.

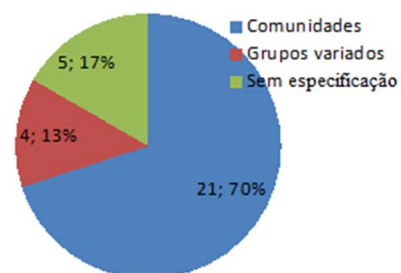
Até o fechamento deste trabalho, obtivemos apenas a resposta de Cleyciane Moreira. Ela nos atentou que a universidade estava em processo de atualização do repositório e por este motivo, no momento inicial da

pesquisa, não tínhamos encontrado a sua tese. Posteriormente, com dias depois deste contato, encontramos o trabalho no repositório da instituição. Não conseguimos falar com Quitéria Lima (UNIP) e Rosa Jesus (UNB), por falta dos endereços eletrônicos divulgados nos sites de pesquisa.

3. Análises

A descoberta dos dados aponta para alguns caminhos possíveis das produções científicas no âmbito da Comunicação. Os resultados colhidos evidenciam que as produções foram desenvolvidas, em sua maioria, em comunidades quilombolas. Do total apresentado de 30 trabalhos, 21 foram desenvolvidos nesses locais. Ainda assim, quando relacionamos os territórios com as regiões do país, observamos que estas pesquisas têm uma produção acentuada em regiões específicas.

Gráfico 1: Espaço territorial onde foram desenvolvidas as pesquisas



O número inserido dentro da forma do gráfico corresponde aos números de trabalhos desenvolvidos nesses locais

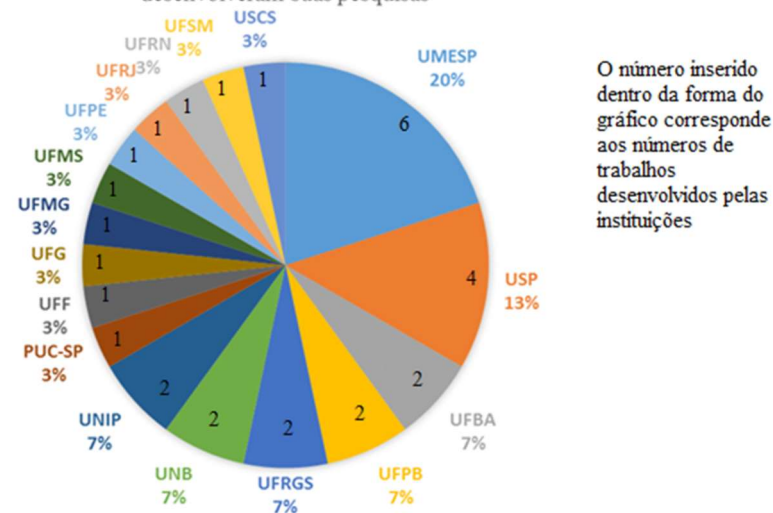
Fonte: elaboração feita pelo autor

Do montante, 16 trabalhos foram executados em instituições de ensino superior localizadas na região Sudeste. As IES que mais desenvolveram pesquisas foram a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e a Universidade de São

Paulo (USP), que, respectivamente, apresentaram o percentual de 6,20% e 4,13% de produções acadêmicas.

Em um comparativo, os pesquisadores/as vinculados/as a UMESP desenvolveram a mesma quantidade de trabalhos de todos os pesquisadores/as vinculados/as às instituições da região Nordeste, no total, de seis trabalhos. Em sequência, as regiões Centro-Oeste e Sul realizaram quatro trabalhos. A região Norte não apontou nenhuma instituição de ensino que realizou pesquisas com esta temática.

Gráfico 2: Instituições de nível superior que desenvolveram suas pesquisas



O número inserido dentro da forma do gráfico corresponde aos números de trabalhos desenvolvidos pelas instituições

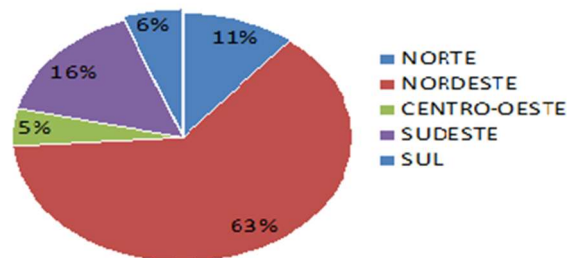
Fonte: elaboração feita pelo autor

É importante destacar que as comunidades quilombolas estão espalhadas por todo o território brasileiro. Atualmente, existem mais de 2000⁷ comunidades quilombolas que receberam a certidão de comunidades

⁷ As informações atualizadas pela Fundação Cultural Palmares apresentam que até 18/07/2019, 2.741 receberam certidões.

remanescentes. A portaria nº 126/2019, publicada no Diário Oficial da União, no dia 18/07/2019 registra que mais de 3000⁸ comunidades quilombolas estão agrupadas em todas as regiões brasileiras: 366 comunidades estão na região Norte; 2.136 no Nordeste; 164 no Centro-Oeste; 526 no Sudeste e 191 na região Sul.

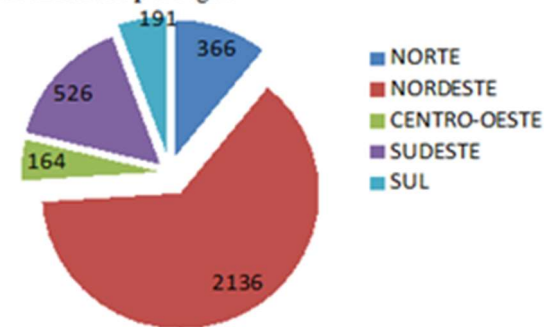
Gráfico 3: Certidões emitidas por região



Fonte: elaboração feita pelo autor

⁸ As informações atualizadas pela Fundação Cultural Palmares apresentam que até 18/07/2019, 3.383 são reconhecidas como quilombolas.

Gráfico 4: Comunidades Remanescentes de Quilombos reconhecidos por região



Fonte: elaboração feita pelo autor

Ainda assim, asseguramos que algumas comunidades quilombolas não certificadas pela Fundação Palmares estão em processo de discussão e de desenvolvimento, no qual se percebem e são percebidas como formações distintas de outros grupos por possuírem um patrimônio social/cultural/linguístico que os distinguem. Em processo de etnogênese estão tendo reconhecidas as suas identidades quilombolas (ARAÚJO, 2017).

A pesquisa nos mostrou que, nacionalmente, há uma diversidade da temática quilombola no diálogo com os estudos da Comunicação. Nas formas que a categoria analítica “quilombolas” apareceu nas produções científicas havia diferentes discussões destes com os objetos de mídia e suportes apresentados. O rádio, vídeo, jornais/revistas, fotografia/canção, dança foram suportes de análises em um trabalho, correspondendo, cada um deles, a 3,3% do quantitativo final. Já o suporte televisão, presente em seis pesquisas, correspondeu a 20% do total. Somando-se as diferentes práticas comunicacionais⁹, obtivemos oito trabalhos executados, totalizando 26,6%.

⁹ Reunimos nesse agrupamento os trabalhos que os objetos de mídia não apresentavam enquanto suporte de análise e ou enquanto relação direta para os grupos estudados.

A partir destes dados surgiram inquietações que nos provocaram para novos olhares que não responderemos neste trabalho, mas seguiremos a pesquisar, uma vez que esse trabalho é um recorte de uma pesquisa maior. Como a população quilombola é representada? Como o discurso das populações quilombolas é evidenciado? Mediante as questões, analisamos as produções que usavam teorias do discurso e/ou representação. Dos 30 trabalhos, apenas quatro (13,3%) foram operacionalizados de tal modo.

Considerações Finais

Outro fator que pontuamos é que embora alguns estudos tenham sido realizados em diferentes espaços, como grupo de terreiro ou até mesmo análise de famílias, percebemos que, majoritariamente, os trabalhos de campos foram desenvolvidos em comunidades quilombolas rurais. A busca por definições sobre o que são populações quilombolas tem sido feitas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Iniciamos este estudo a fim de entender como os saberes científicos do campo da Comunicação, sistematizados nas dissertações e teses disponibilizadas pela Capes, têm olhado para a questão quilombola.

Com isso, averiguamos, mediante a pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, que reúne pesquisas de diversas áreas do conhecimento, cujo objeto são esses povos. Comparativamente a outras áreas, a Comunicação ainda tem pouca expressividade nos estudos dessa temática. Apesar disso, percebemos um crescimento gradual das pesquisas. Oito dissertações e duas teses foram desenvolvidas entre os anos 2015 – 2018, significando que mais de 33,3% das pesquisas inseridas neste trabalho, foram apresentadas nestes últimos três anos.

Apontamos que há avanços nos estudos dos pesquisadores, como a continuação de suas pesquisas. A pesquisadora Cleyciane Pereira, por exemplo, seguiu desenvolvendo exames na mesma relação, quilombos e Comunicação. No trabalho de Grijó (2016) foi mapeada a sua dissertação. Nesta pesquisa vimos que a autora defendeu a sua tese no ano de 2018.

Verificamos que as pesquisas estão centradas em discussões sobre as diferentes formas do ser quilombola. Embora se tenha uma tendência em olhar

para as comunidades quilombolas no meio rural, há um percurso sendo tomado para pensar em comunidades urbanas e a relação dos seus membros com os meios de comunicação. Corroboramos com os escritos de Grijó (2016) e acreditamos que este resultado é definido por uma soma de fatores, dentre eles, que a relação Comunicação/quilombolas sofreu impactos mediante a significativa visibilidade da discussão étnico-racial na sociedade brasileira nas décadas de 2000/2010. Essa disseminação das representações presentes nas produções midiáticas, no mesmo período, foi possível ser vista em produções televisivas, a exemplo da telenovela exibida pela Rede Globo, entre os anos 2017-2018, 'O Outro Lado do Paraíso', que tinha como personagem central, a “mãe do quilombo”.

Constatamos que os olhares dos pesquisadores/as estão inter cruzados com a construção identitária desses povos, no entendimento das suas relações com as práticas comunicativas e também dos seus patrimônios sociais/culturais, servindo assim para melhor entendê-los através das singularidades dos grupos e dos trabalhos apresentados. Sobre a pesquisa que realizamos, acreditamos que a contribuição deste estudo pretende refletir sobre os saberes científicos das comunidades quilombolas e da Comunicação. De tal modo, este trabalho surge como mais um elemento de interesse aos pesquisadores/as deste campo.

Referências

ARAÚJO, S.B.D. (2017). Vozes negras: o (dis)curso quilombola do Alagadiço-BA. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Colegiado de Comunicação. Campus III.

AMORIN, G. I. & GERMANI, I. G (2005). Quilombos da Bahia: Presença incontestável. Encontro de Geógrafos da América Latina, 10ª edição. <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/03.pdf>.

ARRUTI, M. J. (2008). Quilombos. In: PINHO, A. O. Raça: perspectivas antropológicas. (2nd ed., pp. 351-315). Editora da UFBA. <https://static.scielo.org/scielobooks/3tqqd/pdf/pinho-9788523212254.pdf>

ARRUTI, M. J. (2006). Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola. EDUSC.

BRASIL. (2003). Lei nº. 10.639, de 09 de janeiro de 2003. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm.

CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES)(2019). <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>.

DUTRA, F. V. M. (2011). Direitos quilombolas: um estudo do impacto da cooperação ecumênica. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Quadro Geral por Estados e Regiões: Certidões expedidas.(2019). <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-18-07-2019.pdf>

GOMES, dos S. F.(2015). Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil. Claro Enigma.

GRIJÓ, P. W. (2016). A questão quilombola na pesquisa em comunicação. Disponível em:< <https://bdtd.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/download/6291/5049>>. Acesso